

NOTAS APRECIATIVAS SOBRE EDGARD ALLAN POE, POETA.

Dina Aquino Avesque

Em aproximadamente três séculos e meio de existência, a Poesia Americana tem se desenvolvido e crescido em importância e expressividade estética, através das produções literárias de uma hoste de grandes poetas que incessantemente vêm, através de seus tributos pessoais, imprimindo um significado e valor ainda maiores à Poesia Americana.

Entre os poetas maiores, Edgard A. Poe surge como figura de destaque e como um dos mais representativos edificadores do prestígio que a Literatura Americana tem alcançado nos dias de hoje.

Na realidade, deve-se dizer que as contribuições de Poe à Literatura Americana se fizeram sentir muito mais profundamente no campo da Prosa do que no da Poesia. Entretanto, tanto quanto se é possível observar da leitura e análise da maioria de seus escritos, ele era poeta em essência. Aos 18 anos iniciou-se no exercício literário com um poema e seu último trabalho foi igualmente um poema. Quanto mais conhecimento obtém-se desse personagem complexo, mais seguramente pode-se afirmar que essa escolha entre prosa e poesia não foi feita por opção pessoal, não tão-somente devido a fatores externos (tal como os lucros financeiros).

Embora tenha adotado a prosa como base fundamental de sua arte, em momento algum ela interferiu ou enfraqueceu sua inspiração lírica e sempre que pôde voltou-se à poesia, produzindo em tais ocasiões peças literárias de imensa beleza.

Assim, o propósito dessas apreciações não é focalizá-lo como o criador das estórias de mistério, ou como o precursor do novo conto ou o criador de uma nova ficção de simbolismo e análise psicológica, nem ainda se trata de sua apresentação como brilhante crítico literário de seu tempo.

Estas notas apreciativas apresentam Poe simplesmente como poeta e dir-se-ia que a sua poesia é bastante para justificar o reconhecimento que tem merecido no mundo Ocidental. Tentar-se-á, no limite possível, ver o poeta profundamente, objetivando analisar seus valores e crenças de modo a delinear um quadro imparcial do que criou e, que tenha efetivamente contribuído para o desenvolvimento da literatura não só nos E.U.A., como também em terras outras onde as produções literárias desse gênio, tantas vezes mal interpretado, foram semeadas, absorvidas e louvadas.

Por outro lado, há um aspecto importante que faz desse trabalho uma tarefa bem interessante — o fato do valor da produção literária de Poe estar sob debate por mais de oitenta anos, em função das controvérsias surgidas entre críticos preeminentes, dando assim um testemunho da complexidade e importância do que ele criou.

Em verdade, um grande número de poetas, permite que sua obra seja estudada e analisada isoladamente de suas vidas privadas, uma vez que elas não apresentam nenhum relacionamento. Alguns, apresentam obras tão comprometidas com o homem e seu ambiente, que se torna tarefa árdua dizer-se quando um está interferindo e influenciando a outra. E. Allan Poe pertence a esse segundo grupo e acredita-se não ser possível ao leitor entender sua poesia, seus temas e atmosferas sem um pequeno conhecimento dele, como homem. Alguns críticos dizem ser ele talvez a personalidade mais complexa de toda a galeria de autores americanos, tendo como base de suas declarações as controvertidas e variadas atitudes psicológicas do escritor. Classificado por seus detratores como insano, psicopata, neurótico, “o gênio diabólico das letras americanas”, ele é considerado “a mente mais sã dos escritores americanos” por aqueles que estão a seu favor.

Acredita-se ser necessário remontar à sua infância e adolescência, e aí, procurar eventos especiais que formaram e marcaram o seu caráter de uma maneira ou outra.

Poe nasceu em Boston, em 1809, filho de pais artistas de teatro móvel. Quando contava dois anos, seu pai David Poe desapareceu deixando sua jovem mãe Elizabeth, “presa a uma trágica situação, vencida pela miséria, depauperada pela tuberculose e impelida a sair em busca das fronteiras a representar papéis cômicos onde quer que ela pudesse arranjar uma apresentação” (1). Assim, o pequeno Poe e sua irmã Rosalie permaneceram com ela enquanto excursionava pelo circuito teatral na Carolina e Virgínia, acompanhando-a e testemunhando (sendo marcados por esses fatos mais adiante) a sua desesperada luta pela sobrevivência, enfrentando as mais árduas situações e definindo com assombrosa rapidez até sua morte em Richmond, 1811.

Verificou-se que esse trágico acontecimento, a perda de sua mãe, reflete-se de maneira incontestável nos seus melhores poemas sobre a morte, o amor, a mulher, uma vez que foi ela a primeira de uma série de mulheres que subitamente faleceram e que tiveram importância em sua vida sentimental como Jane Stanard, Frances Allan, Virginia Clemm, o que deu a Poe "um temível sentido da proximidade da morte, um assunto sobre o qual ele iria escrever muito" (2).

Acho que é possível dizer-se que as sementes da moléstia espiritual de Poe foram semeadas durante sua infância, e, sem dúvida, o martírio de sua mãe contribuiu com grande intensidade para a criação da maioria de suas belas e delicadas (condenadas) heroínas habitantes de seus poemas e estórias, como Annabel Lee, Helen, Lenore.

Após a morte de sua mãe, foi levado para a casa de John Allan de Richmond mas nunca foi legalmente adotado, de modo que seu futuro era inseguro embora desfrutasse uma vida de conforto. Acompanhou os Allans para a Inglaterra onde estudou por um ano; representou o papel de um jovem aristocrata em Richmond — não obstante não poder levar a vida de filho de família abastada, vivendo permanentemente à beira do abismo porque sentia não pertencer realmente a ela. Essa tensão emocional deu lugar a um indivíduo rebelde e contestador, que iria, quando intelectualmente amadurecido, escrever obras com fundo e personagens que estavam além da realidade, ou totais negações de um mundo repleto de tragédias, atritos crescentes, e de uma sufocante e desesperançada incerteza diante do destino. Esses dois diferentes tipos de infortúnio foram a verdadeira origem de sua trágica vida, produto da má sorte e instabilidade, que o levaram à busca de um mundo de sonhos onde toda a sorte de sofrimentos e decepções terrenas podiam ser esquecidos e recriados numa variada e controvertida forma de obras artísticas.

Continuando com esse breve relato dos fatos representativos da vida de Poe, segue-se a sua entrada na Universidade de Virgínia (1826) logo deixando-a após uma acirrada discussão sobre dívidas de jogos por ele contraídas e as quais o pai adotivo recusava-se a pagar. Em verdade, "ele salientava-se em seus estudos, mas eles tinham que competir com cartas e bebida" (3), o que parecia ser a sua maneira de expressar revolta, ou pelo menos, fugir de uma realidade que ele não queria aceitar.

Desse modo, incapaz ou não desejoso de seguir as ordens do pai adotivo, abandonou a universidade sem obter nenhum diploma. Por essa época ele publicou sua primeira coleção de poemas *Tamerlane and Other Poems* em Boston, e decidiu alistar-se no exército por um período de dois anos (1827-1829). Seguiu-se uma infeliz e

breve carreira em West Point (1830-31) de onde foi expulso, por recusar-se a obedecer a ordens superiores, o que oferece um exemplo claro de sua têmpera ind mита. Após um rompimento definitivo com Allan, foi viver com sua tia Maria Clemm em Baltimore, onde encontrou o calor e o afeto que não obtivera em Richmond, e   l  que experimenta seus dias de mais extrema dificuldade financeira. Assim, é levado a viver do que sua pena podia produzir, publicando poemas (nenhum bem sucedido financeiramente), estórias e também começando uma carreira como editor e crítico literário em *Messenger*. Em 1833 sua estória "M.S. Found In a Bottle" ganhou o pr mio de 100 dólares do *Baltimore Saturday's Visitor's*. Entretanto, seu temperamento inflamável, sua instabilidade e sua pobreza agiram contra seu sucesso. "Orgulhoso de sua cria o aristocrata, tendo suas habilidades em alta conta e obtendo na fun o de editor menos de 16 dólares por semana, amargurava-se por não conseguir melhor situa o na sociedade e, com o fim de esquecer problemas financeiros ou o que lhe aparecia mau trato do mundo, Poe praticamente entregava-se   bebida, o que desorganizou completamente os seus nervos extremamente tensos" (4) transformando-o no s dico, no psicopata sobre o qual muitos críticos têm comentado.

Finalmente em 1836 casa-se com sua prima Virgínia Clemm de treze anos de idade, o que provocou, na ocasião, uma onda de comentários hostis como, por exemplo, o de que esse casamento era uma evidência de sua impotência sexual. Nos anos que se seguiram Poe perdeu suas posi es nos periódicos, possivelmente devido ao alcoolismo, e iniciou uma série de mudanças de Baltimore para Philadelphia e da  a New York. Como se a extrema falta de sorte não fosse bastante para perturbar sua mente, morre sua esposa após longa moléstia e na mais completa pobreza. Todos esses fatos da biografia de E. A. Poe, sugerem que ele não era um indivíduo de fácil convivência. Além de uma tendência neur tica, talvez herdada de seu pai, os trágicos acontecimentos de infância e uma vida continuamente marcada pela miséria e as mais variadas dificuldades, são bastantes para justificar seu não ajustamento à realidade e, acredita-se, não há nenhum enigma quanto ao seu desusado interesse pelos temas de morte, loucura, terríveis fatalidades e fantasias, se levarmos em considera o o fato de que, em muitas das visões de seu mundo de sonhos, ele tenta fugir do que ele viu em si próprio.

Após essas considera es biográficas, faz-se necessário oferecer uma visão geral do ambiente, da atmosfera artística que vinha regendo a Literatura Americana, e, particularmente, as obras poéticas antes do advento do Romantismo. Assim, torna-se   mais evidente o fato de

que a rebelião de Poe excedeu e ultrapassou em muito a influência e herança culturais.

Inegavelmente a teoria puritana dominante nas letras é o berço de toda a poesia americana e, ao traçar um perfil de suas raízes literárias e seus postulados, não se pretende dizer que ela tenha tido influência ou pelo menos infiltrado-se na poesia de Poe. Entretanto, os comentários acerca das idéias e teorias prevaletentes serão de grande valia para a compreensão do período romântico ao qual Poe pertenceu, assim como esclarecerão o porquê de seus credos e princípios poéticos haver encontrado tão grande número de detratores, não conseguindo o reconhecimento da maioria de seus contemporâneos.

Até a sua época, a quase unanimidade dos poetas tinha usado a poesia para "descobrir", para "dizer" algo de um modo profético, não como artesãos da beleza ou das belas letras. "Eles respondiam a conscientização das trevas e da fraqueza do homem com a afirmação de uma fé dogmática no homem ou finalmente, o seu triunfo sobre o nada e as angústias existenciais" (5).

Os puritanos, através de suas formas poéticas favoritas (elegias), usavam a poesia com um propósito didático e eminentemente utilitário — "Uma ajuda que leva o homem a viver e morrer melhor" (6), sempre prometendo recompensas divinas na eternidade, sendo todos os poetas puritanos mais preocupados com o eterno que com o temporal e todas as suas produções essencialmente moralistas.

Dois exemplos da atmosfera poética desses três séculos de teoria puritana são os poemas que se seguem: o primeiro pertence ao *Daily Meditations* escrito por Philip Pain, e expressa a aceitação da morte como o chamado de Deus e a fé na felicidade sobrenatural.

Man's life is like a rose that in
the Spring
Begins to blossom, fragrant smells
to bring
Within a day or two, behold Death's
scent,
A public messenger of discontent
Lord grant, that when my Rose begins
to fade,
I may behold an Everlasting Shade.

Ou esta passagem didática de "Contemplations" de Anne Bredstreet.

I wish not what to wish, yet sure,
thought I

If so much excellence abide bellow
How excellence is He that dwells on
hiah
Whose power and beauty by his works
we know...

Talvez este constante apelo religioso na poesia americana, ou seja, quase sua totalidade voltada em extremo para propósitos religiosos, tenha levado alguns críticos britânicos a depreciá-la com afirmações como esta: "a despeito das diferenças estilísticas, a poesia americana somente pode ser compreendida se for considerada como religiosa", como fez R.P. Blackmur, diminuindo em muito o prestígio da poesia americana vez que deixa claro que "os poetas americanos não podiam, como Yeats ou Dylan Thomas, pensar na poesia como uma arte e determinar regras de arte poética"(7). É neste ponto que surge Poe, refutando essa afirmação e ajudando a construir uma nova poesia artística. Num gritante contraste com a herança poética puritana, Poe sentiu e transmitiu para as gerações futuras a sua crença na insignificância da existência do homem, a sua total incapacidade de responder às suas indagações mais cruciais, como também a sua mais completa falta de controle sobre seu destino, afirmando que toda a humanidade é jogada numa imensa jaula sem nenhuma possibilidade de escapar do que está determinado para acontecer. Na verdade, ele trata das trevas da experiência, do incontrollável, do desconhecido, no qual o homem está imerso e observa-se que tudo nas obras de Poe leva essa negra e imutável fatalidade: tudo é sombrio, morto: as cidades, a natureza, ornamentos e seres humanos. Sem dúvida a sua ficção mostra este aspecto mais fortemente que sua poesia e, até certo ponto, Poe, assim como Emily Dickinson, permite que esse pensamento sombrio retrate alguns de seus poemas, não obstante ser essa tendência sombria numa nota de pequena importância na poesia americana do século XIX.

O seu mais representativo poema no qual podemos ver todas essas idéias é "The Conqueror Worm", onde ele lamenta a inevitável destruição da qual todos nós seremos vítimas.

Lo! tis a gala night
Within the lonesome latter years!
An angel throng, bewinged, bedight
In veils, and drowned in tears,
Sit in a theater, to see
A play of hopes and fears,
While the orchestra breathes fitfully
The music of the spheres.

Mimes, in the form of God on high,
Mutter and mumble low,
And hither and thither fly —
Mere puppets they, who come and go
At bidding of vast formless things
That shift the scenery to and fro,
Flapping from out their condor wings
Invisible we!

Out-out are the lights-out all!
And over each quivering form,
The curtain, a funeral pall,
Comes down with the rush of a storm,
While the angels, all palid and wan,
Uprising, unveilling, affirm
That the play is the tragedy, "Man,"
And its hero, the Conqueror Worm.

Como se pode ver nessas estrofes, é um grito de depressão do espírito moldado em tons melancólicos e pessimismo romântico, dando, nos dois últimos versos, seu julgamento sobre a vida, ou seja, que ela é vazia de significação e plena de desesperança.

Além dessa profunda divergência em termos filosóficos, Poe não podia aceitar a poesia como instrumento para atingir propósitos didáticos. E é nesse ponto que ele difere da maioria de seus contemporâneos. Para ele, a poesia deve estar divorciada de quaisquer propósitos aliciantes e ter como único objetivo a expressão do Belo. Na verdade, os seus poemas são escritos com esse intento e, como tal, não poderiam ser aceitos por aqueles que foram formados à luz da filosofia puritana. Este era o cenário da poesia americana quando a Revolução Romântica irrompeu e pensa-se que o esboço da nova ordem poética surgida a partir de seu advento virá enfatizar o papel exercido por Poe no seu contexto.

"O século XIX traz a guerra de 1812 libertando os U.S. do perigo do domínio estrangeiro e todas as atenções estavam voltadas para a expansão interna, e é nesse período que podemos afirmar que a literatura finalmente emergiu. Enquanto que os escritores do século XVIII e XIX foram primariamente religiosos, com alguma conotação política, a produção literária do século XIX foi beletrista, tendo como centro a Arte. O Romantismo era a corrente dominante, com ênfase no individualismo, nas emoções, na volta ao passado e uma nova ênfase à natureza. A beleza natural da América era celebrada e o passado americano, bem como cenários estrangeiros

eram usados e, uma série de idéias nacionais foram desenvolvidas por homens como Emerson e W. Wittman" (8). Muito embora novas idéias tivessem surgido, E. A. Poe sentiu-se em conflito com o espírito então prevalecente da época. Mais uma vez ele era o rebelde que não conseguia adotar muitos dos postulados românticos. Não podia aceitar a teoria romântica de que o artista era em si um instrumento respondendo intuitivamente às pressões da inspiração, a qual, quando isolada da habilidade, ele considerava ingênea e disforme. A sua teoria da poesia era diretamente oposta a isso. "Poe preocupava-se em demonstrar que um poema, como qualquer outra obra de arte, é formado de material escolhido para propósitos determinados conscientemente e que esses potenciais plásticos são moldados para torná-los mais úteis na comunicação da idéia ou efeito pretendido. Ele influenciou o curso das obras de criatividade enfatizando a arte que apela ao mesmo tempo para a razão e a emoção e insistindo no fato de que a arte não é um reflexo da vida do autor nem um instrumento para algum propósito didático, mas tão-somente um objeto criado pela causa da Beleza" (9).

Ele não ensinou quaisquer lições morais a não ser a disciplina do Belo. Para ele a beleza é a essência e a atmosfera do poema. Como ele diz na sua *Filosofia da Composição* e "Princípios Poéticos": "A Poesia é a criação rítmica do Belo. Seu único árbitro é o gosto, com o intelecto ou com a consciência tem apenas relações colaterais. A menos que incidentalmente, não tem nenhum compromisso com o dever ou com a verdade". Quis ele dizer que a Poesia pura não tem nenhuma relação com o mundo vivente, e é fácil aceitar-se esse desligamento, levando em consideração o fato de que suas criações poéticas apresentavam apenas mundos irreais, (de sonhos) onde a beleza era alcançada de maneiras as mais diversas e nas mais diferentes nuanças. "Seu objetivo era combinar palavras de modo a permitir ao leitor uma visão da beleza eterna, a qual ele tinha podido vislumbar apenas em intermitentes e oblíquos flashes, causando-lhe o prazer e a elevação do espírito, consequência desse contato com o belo" (10).

Tanto quanto é possível ver-se, a atitude de Poe ao banir a moralidade da arte não é meramente um protesto contra o didaticismo, mas implica também em que até mesmo idéias ou temas morais devam ser excluídos, salientando que a arte deve estar o mais distante possível da vida real.

Observa-se que ele, deliberadamente, escolheu a fantasia e as visões extra-terrenas do seu mundo de sonhos como temas (leit-motiv) principais de sua poesia.

O propósito de desligar a mente do leitor da realidade e levá-lo a obter o prazer estético pela contemplação da beleza é talvez a sua maior contribuição à Poesia. Torna-se óbvio que nos U.S. "um país onde a literatura era geralmente considerada a serva de éticas utilitárias" (11), a arte não moralizante de Poe não tenha sido entendida ou tenha se afigurado apenas bastante estranha, exótica, o que levou um grande número de críticos a classificá-la como não totalmente romântica mas um tanto ou quanto primária e decadente. "Primária por não conter fatos de interesse histórico, decadente por ser ele o artista consciente de uma intensidade a qual faltava perspectiva moral" (12). Crítica perfeitamente aceitável na época, pois, ao contrário de seus contemporâneos como Emerson, Thoreau, Hawthorne, Melville, não produziu obras nas quais se pudesse entrever nenhum envolvimento com a América de sua época.

Entretanto a sua criação do mundo de sonhos, de onde a realidade é banida, nada mais é do que um protesto contra o materialismo americano de seu tempo. Outro problema em relação à filosofia da poesia de Poe é o ponto no qual ele afirma que para se atingir a beleza deve-se mover além do aparente, dos objetos visíveis. Surge então uma indagação que exige uma resposta: podemos considerá-lo transcendentalista?

Até certo ponto sua filosofia leva a uma afirmativa, mas, se se fizer uma comparação com a essência desse movimento, optar-se-á por uma negativa, vez que ela difere frontalmente do pensamento Emersoniano que é a origem e o critério do Transcendentalismo Americano. Transcender no sentido de Emerson é não negar ou destruir, mas afirmar. É mover-se através de objetos aparentes ou de situações em direção a Deus; ver em todo átomo da natureza um símbolo do divino sendo todos os indivíduos e "pormenores" parte de um todo que podia ser percebido via afirmativa por meio do "transparent eye ball", ou seja, de uma percepção além da visão física. Em oposição, Poe nega a revelação Emersoniana no que tange à afirmação. Pode-se considerá-lo transcendentalista somente no sentido no qual transcender seja destruir o que se transcende em termos de "via negativa" isto é, "a aspiração ao 'reino' do que ele chamava 'Supernal Beauty' não especificamente sobrenatural no sentido religioso mas, sem dúvida, além ou totalmente diverso da natureza. Atinge ele o supernal (divino) somente através da destruição ou negação do real, eliminando todos os indivíduos e partes". Como diz H. Waggoner em *Poetas Americanos dos Puritanos ao Presente*. (13) A vida de Poe é uma espécie de sonho com uma substância fantasmagórica dos sonhos — o que vem a significar uma negação de imagens". Para ele, a obra de Poe, se classificada metafisicamente, en-

quadra-se na tradição da "via negativa" (Seu poema "The city in the sea" é uma exemplificação dessa teoria). (14)

Lo! Death has reared himself a throne
In a strange city lying alone
Far down within the dim West,
Where the good and the bad and the worst
and the best
Have gone to their eternal rest.
There shrines and palaces and towers
(Time-eaten towers that tremble not!)
Resemble nothing that is ours."
(first stanza)

"Dreamland" ratifica as mesmas idéias:
By a route obscure and lonely,
Haunted by ill angels only,
Where an eidolon, named Night,
On a black throne reigns upright,
I have reached these lands but newly
From an ultimate dim Thule
From a wild weird clime that lieth, sublime,
OUT OF SPACE — OUT OF TIME.
(first stanza)

Vê-se que Poe era uma exceção entre os românticos e não poderia ser classificado como transcendentalista fundamentalmente. Essa diversidade de seu fazer poético nada mais é do que uma prova da mente privilegiada de um gênio que produziu obra tão controvertida por não poder impor limitações à sua imaginação criadora.

A esta altura necessário se faz mostrar a forma pela qual ele transmitiu o sublime universo, os meios-sonhos de significância única com que evocou o seu subconsciente, isto é, sua vida de sonho e fantasia, salientando-se que o único significado que tem é aquele conseguido no sonho. E. A. Poe sabia como usar, combinar as palavras e extrair os significados intrínsecos que cada palavra transmitia e, através de uma cuidadosa e consciente sucessão, podia intensificar o efeito ou a idéia que perseguia. Era um artesão a buscar raras e preciosas gemas da língua. Está-se diante de um estilista e simbolista por excelência, dotado de admirável inspiração. Em seu livro *Filosofia da Composição* afirma: "o tom da mais alta manifestação da Beleza é a Tristeza. A melancolia é o mais legítimo de todos os tons poéticos". Na verdade, através da leitura de seus poemas,

observa-se que os temas predominantes são os relacionados com a morte e, mesmo os poemas de amor e belas mulheres, estão envolvidos em tristezas, temores, angústias e mortes. Esses temas são expressos numa atmosfera de tristeza e melancolia por meio de uma linguagem simbólica perfeita. Usa artifícios sensoriais como a metáfora, onomatopéia, aliterações, freqüentemente fazendo com que seus poemas se afigurem, ora como pinturas, ora soando como música ou exalando aromas como um perfume. Através das palavras e frases encadeadas no verso pode-se ouvir e tocar coisas, tão perfeitamente elas transportam a idéia.

De sua *Filosofia da Composição* obtêm-se os elementos que Poe considerava essenciais no poema: 1. Música — a repetição ou alternância dos sons oferece o tônus para o estado emocional que se espera. Encontra-se o melhor exemplo dessa musicalidade no seu poema "The Bells", que é um magnífico trabalho de perfeita manipulação de onomatopéias e capacidade sugestiva, transmitindo, através dos sons, diferentes sensações de alegria, prazer, perigo e morte. "The Bells" se constitui num "appeal" ao ouvido, com uma seqüência de temas em consonância com os sons produzidos. Com estas duas estrofes do Poema observa-se a perfeição de sua forma e o significado transportado por seus sons e símbolos numa perfeita identificação de fundo e forma.

Hear the sledges with the bells —
Silver bell!
What a world of merriment their melody
foretells!
How they tinkle, tinkle, tinkle,
In the icy air of night!
While the stars that oversprinkle
All the heavens, seem to twinkle
With a crystalline delight;
In a sort of Runic rhyme,
To the tintinnabulation that so munitally wells
From the bells, bells, bells, bells
Bells, bells, bells —
From the jingling and the tinkling of
the bells.
(beginning of last stanza)
Hear the tolling of the bells —
Iron bells!
What a world of solemn thought their
monody compels!

In the silence of the night,
How we shiver with affright
At the melancholy menace of their
tone!

(first stanza)

Talvez foi devido a poemas como esse que não ensinavam ou pregavam coisa alguma, a não ser o prazer imediato da música, que uma crítica depreciativa os rotulou de vulgar e sem insignificância. Emerson, por exemplo, considerou-o com visível hostilidade "the jingle man" e Aldous Huxley "vulgar ou artificial". O passo seguinte é a Vaguidade, uma certa "indefiniteness" envolvendo a poesia, uma vez que o Belo é por definição inapreensível em sua plenitude. Os poemas devem sugerir Tristeza e Melancolia e esses princípios refletem-se fielmente em todos eles.

O poema deve ser breve, diz ele, pois é impossível que o espírito possa permanecer num estado de elevação a não ser por um curto espaço de tempo. "Todas as grandes sensações são necessariamente transitórias, de modo que um poema longo é um paradoxo". E, na realidade, os seus poemas mais extensos tem um pouco mais de cem versos, número por ele considerado o máximo permitido se é desejo do poeta atingir prazer e perfeição. Em suma, pode-se dizer que Poe foi um habilidoso metrista que conseguiu os efeitos a que se propunha. Seus temas mostram visível semelhança e, mesmo quando voltado tão somente à criação de poemas eminentemente sonoros, desvenda um mundo de imagens e visões que somente pode ser apreendido quando sonhamos e nos distanciamos das "dull" realidades da vida.

Após o que já foi dito numa tentativa de que Poe seja melhor entendido, segue-se a apreciação de alguns de seus mais característicos trabalhos que refletem todos os seus credos poéticos propugnados seus *Principles of Poetry*, inegavelmente um legado do mais elevado valor estético. Tais poemas falarão por si, e a tarefa de interpretá-los torna-se fácil, uma vez que o Belo não pode ser explicado em detalhes, mas sentido e apreendido pelo espírito.

"ELDORADO" — written in 1849.

Gaily bedight,
A gallant knight,
In sunshine and in shadow,
Had journeyed long,
Singing a song,
In search of Eldorado.

But he grew old —
 This knight so bold —
 And o'er his heart a
 shadow
 Fell as he found
 No spot of ground
 That looked like Eldorado.

 And, as his strength
 Failed him at length,
 He met a pilgrim shadow —
 "Shadow", said he,
 "Where can it be —
 This land of Eldorado?"
 "Over the mountains
 Of the moon,
 Down the valley of the
 shadow,
 Ride, boldly ride,"
 The shade replied, —
 "If you seek for Eldorado!"

Vê-se no título um símbolo do encontro da felicidade. Todo ele expressa a eterna busca da terra prometida, embora seja ela utópica. Tudo no poema — o ritmo, o tom, as rimas e imagens, fazem do poema uma obra lírica de considerável valor.

SONNET — TO SCIENCE

Science! true daughter of old Time
 thou art!
 Who alterest all things with thy peering
 eyes.
 Why preyest thou thus upon the poets
 heart,
 Vulture, whose wings are dull realities?
 How should he love thee? or how deem
 thee wise,
 Who wouldst not leave him in his
 wandering
 To seek for treasure in the jeweled
 skies,
 Albeit he soared with an undaunted
 wing?

Hast thou not dragged Diana from her
car,
And driven the hamadryad from the
wood
To seek a shelter in some happier
star?
Hast thou not torn the naiad from her
flood,
The elfin from the green grass,
and from me
The summer dream beneath the tamarind
tree?

Aqui o poeta lamenta de uma maneira romântica a morte das lendas poéticas nas mãos de cientistas desprovidos de imaginação. Dá ênfase ao fato de que o conhecimento excessivo da natureza destrói ou danifica os impulsos que levam à poesia, salientando que as descobertas científicas são prejudiciais ao mundo fantasioso-místico que caracteriza o universo do poeta. Torna-se necessário atentar para a precisão da linguagem e dos símbolos, assim como para os termos mitológicos usados:

Peering eyes — significando microscópios e telescópios

Abutre — referência clara ao mito grego do castigo imposto à Prometeu.

Realidades insípidas — as verdades científicas de encontro ao mundo de sonhos do poeta numa punição semelhante à de Prometeu, uma vez que continuamente ferem mortalmente o coração do poeta.

Essas idéias são transmitidas através de uma sucessão de imagens poderosas e perfeitas. Trata-se de um tema universal e, até certo ponto, muito atual, vez que vive-se numa época onde a ciência domina e amortece todas as crenças e atividades espirituais do homem.

TO ONE IN PARADISE

Thou was that all to me, love,
For which my soul did pine —
A green isle in the sea, love,
A fountain and a shrine,
All wreathed with fairy fruits
and flowers,
And all the flowers were mine.

Ah, dream too bright do last!
Ah! starry hope! that didst arise
But to be overcast!
A voice from out the future cries,
"On! on! — but o'er the past
(Dim gulf!) my spirit hovering lies
Mute, motionless, aghast!

For, alas! alas! with me
The light of life is o'er!
No more-no more-no more-
(Such language holds the solemn sea
To the sands upon the shore)
Shall bloom the thunder-blasted
tree,
Or the stricken eagle soar!
And all may days are trances,
And all my nightly dreams
Are where thy gray eye glances,
And where my footstep gleams —
In what ethereal dances,
By what eternal streams.

o poema expressa o desespero do amante chorando a morte de sua amada. Novamente a morte é o centro do poema, que é, primariamente, uma canção de louvor lírico e a glorificação do amor ideal, ao mesmo tempo que nega a existência, após a morte da mulher amada. É um poema que nos sensibiliza pelo seu tema e a música suave criada pela habilidosa seqüência de sons combinados com perfeição.

DREAMLAND

By a routé obscure and lonely,
Haunted by ill angels only,
Where an eidolon, named night,
On a black throne reigns upright,
I have reached these lands but newly
From an ultimate dim Thule —
From a wild weird clime that lieth, sublime,

Out of space — out of time.

Bottomless vales and boundless floods,
And chasms, and caves, and titan woods,
With forms that no man can discover
For the tears that drip all over;
Mountains toppling evermore
Into seas without a shore;
Seas that restlessly aspire,
Surging, unto skies of fire;
Lakes that endlessly outspread
Their lone waters, lone and dead,
Their still waters, still and chilly
With the snows of the tolling lily.

By the lakes that thus outspread
Their lone waters, lone and dead,
Their sad waters, sad and chilly
With the snows of the lolling lily,

By the mountains — near the river
Murmuring lowly, murmuring ever, —
By the gray woods, — by the swamp
Where the toad and the newt encamp, —
By the dismal tarns and pools
Where dwell the ghouls,
By each spot the most unholy —
In each nook most melancholy, —
There the traveler meets, aghast,
Sheeted memories of the past —
Shrouded forms that start and sigh
As they pass the wanderer by —
white-robed forms of friends long given,
In agony, to the earth — and heaven.

For the heart whose woes are legion
'Tis a peaceful, soothing region —
For the spirit that walks in shadow
'Tis-oh, 'tis an Eldorado!
But the traveler, traveling through it,
May not — dare not openly view it;
Never its mysteries are exposed

To the weak human eye unclosed;
So wills its king, who hath forbid
The uplifting of the fringed lid;
And thus the sad sou! that here passes
Beholds it but through darkened glasses

By a route obscure and lonely,
Haunted by ill angels only,
Where an eidolon, named night,
On a black throne reigns upright,
I have wandered home but newly
From this ultimate dim Thule.

Dreamland canta o atingir-se o estado espiritual da felicidade. As visões obscuras e sombrias são descrições dos movimentos da mente em devaneios, quando abstrai-se a noção de tempo ou espaço, o que é possível apenas em sonhos. Essa liberdade de espaço e tempo é um símbolo do homem transcendendo suas limitações, saindo da realidade e penetrando num mundo irreal no qual não é prisioneiro de circunstâncias físicas. Essa temática é constante num grande número de seus poemas.

Poemas como "Dreamland", "The Haunted Palace", "The Sleeper" tratam do magnífico e artístico universo da psique, e possibilitam-lhe o privilégio de conseguir "uma expedição pioneira num universo artístico por ele descoberto. Rompeu com as convenções que se lhe ofereciam e tornou-se precursor do Simbolismo e Surrealismo ao encontrar novas maneiras de revelar idéias ou sensações de sua psique, não se subordinando a modelos comuns e convencionais"(15).

Provavelmente por essa inovação, foi tremendamente atacado pelos críticos de sua época, que não podiam alcançar a grandeza e a verticalidade de sua poesia inovadora, a qual se sobrepõe ao Romantismo e, mais adiante, oferece aberturas a novas tendências na literatura universal através de suas renovações artísticas.

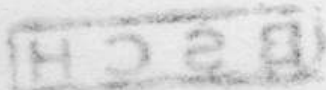
Nesse momento é interessante fazer-se uma observação sobre a reputação contraditória que Poe obteve em seu país de origem e na França. Enquanto é ainda considerado um autor de pálidos méritos nos U.S.A., é cultuado como verdadeiro gênio literário na França. Através das palavras de alguns homens de elevada estatura intelectual de ambos os países pode-se demonstrar como a obra de Poe foi interpretada de forma tão diversa. Henry James diz: "Qualquer entusiasmo por Poe é a marca de um estágio decididamente primitivo da reflexão" (16). T. S. Eliot: "Poe tinha o intelecto de um jovem altamente bem dotado antes da puberdade"

(17). Como disse anteriormente, Emerson considerava-o um mero "jingle man". Num contraste enorme, Baudelaire, o grande poeta de *Les Fleures du Mal*, que dedicou grande parte do seu tempo à tradução da obra de Poe, disse: "Sua poesia, profunda e melancólica é, não obstante, elaborada e pura, correta e brilhante como uma jóia de cristal" (18), confessando em muitos documentos a grande influência que Poe exerceu sobre ele e, numa única frase, sumariza sua opinião a respeito do poeta americano: "o mais poderoso escritor de sua época" (19).

Por sua vez, Mallarmé numa carta a seu amigo Cazalis, contendo uma cópia do soneto "L'Azur" que ele havia escrito no seu mais autêntico estilo, observou: "quanto mais continuo nessa direção, mais fiel deverei ser às idéias severas que devo ao meu grande mestre Edgar Poe" (20). Como se esses dois importantes depoimentos não fossem bastantes, Valéry reforça o julgamento francês de Poe: "Poe é o único escritor impecável. Ele nunca esteve enganado" (21). A partir do que se tem dito na França, pode-se afirmar que eles viram em Poe a força de um Leonardo da Vinci ou de um W. Shakespeare, dando-lhe igual importância. Por que tão diferentes avaliações da sua obra nas duas nações? Por que tão gritante paradoxo? Tal indagação levará bastante tempo até que uma resposta satisfatória seja encontrada. Atinge-se o ponto onde não se pode dizer se a realização literária de Poe foi maior do que sua influência na Literatura Moderna. Se é grande pelo que produziu, ou pelo que deixou em aberto para que outros gênios vissem e aperfeiçoassem. Diz-se que Vachel Lindsay e Stephen Crane, por exemplo, mostram em suas obras muita influência de Poe.

Espera-se que a crítica hostil que cercou a obra de Poe há alguns anos tenha desaparecido do cenário literário da América do Norte e, que em breve, os críticos revejam e reavaliem sua obra descobrindo toda a sua grandeza. Então ser-lhe-á dada toda a importância que merece quer como crítico, poeta, ou como pai do conto psicológico e do conto americano moderno. Esta declaração de W. Wittman pode ser um exemplo do que poderá ocorrer em dias futuros: "Gosto de Poe? No início, durante muitos anos, não. Entretanto, relendo-o há uns três ou quatro anos, enquanto lia admirava e gostava, até que finalmente posso dizer que me sinto quase convencido de que ele é uma estrela de considerável magnitude, se não um sol no firmamento literário".

Pretendeu-se neste trabalho apresentar esse homem que encontrou na literatura não apenas um meio de exercitar sua genialidade, mas:



principalmente, a fuga das frustrações de suas turvas realidades, trazendo inovações estilísticas ao eterno cantar da Beleza. Mudando o curso da Literatura, garantiu para si a permanência entre os escritores maiores da Literatura Universal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Edgar Allan POE, Vincent BURANELLI — page 33.
2. Edgar Allan POE, Vincent BURANELLI — page 33.
3. Edgar Allan POE, Vincent BURANELLI — page 34.
4. *American Literature* (College Outline Series), Barnes & Noble — page 52.
5. *American Poets* — From the Puritans to the Present, H. WAGGONER — Introd.
6. *American Poets* — From the Puritans to the Present, H. WAGGONER — Introd.
7. *American Poets* — From the Puritans to the Present, H. WAGGONER — Introd.
8. *American Literature* (College Outline Series), Barnes & Noble — page 49.
9. *The American Tradition In Literature*, Bradley Beatty Long, pag. 736.
10. Edgar Allan POE, Vincent BURANELLI — page 90.
11. *Twentieth Century Views* (Poe), Robert REGAN — pag. 27.
12. *Our Cousin, Mr. POE*, Allan TATE — page 49 (Twentieth Century View).
13. *American Literature From the Puritans To the Present*, H. WAGGONER.
14. Edgar Allan POE, Vincent BURANELLI — page 27.
15. Edgar Allan POE, Vincent BURANELLI — page 28.
16. *The Conscious Art Of Edgar Allan Poe*, Floyd STOVALL (20th C. View), p. 117.
17. *The Conscious Art. Of Edgar Allan Poe*, Floyd STOVALL (20th C. View) p. 117.
18. *The French Response to Poe*, Patrick F. QUINN, page 70 (20th C. View).
19. *L'art Romantique*, BAUDELAIRE — page 59.
20. *The French Response to Poe*, Patrick F. QUINN — page 67 (20th C. View).
21. *The French Response to Poe*, Patrick F. QUINN — page 67 (20th C. View).